

RESUMO

O Labirinto Metodológico das Relações Internacionais: Dilemas e Potenciais Saídas

O artigo trata da necessidade em se incrementar o aporte metodológico das Relações Internacionais (RIs), bem como abarcar as dificuldades em adequar as principais técnicas de pesquisa aos fenômenos internacionais. O debate aqui proposto enfatiza que a ausência de uma discussão metodológica nas RIs dificulta o acesso a técnicas de pesquisas que pudessem abarcar a pluralidade epistemológica latente da área. Discute-se ainda o desafio em conectar teoria e empiria e a dificuldade de mensuração dos principais conceitos, a exemplo de poder. Por fim, a combinação de técnicas quantitativas e qualitativas, a saber, o multimétodo, poder ser a resposta que melhor se enquadra na ideia de complexidade causal que caracteriza as RIs.

Palavras-chave: metodologia, relações internacionais, multimétodo.

ABSTRACT

The paper addresses the need to improve the methodological approach in the International Relations (IRs), as well as to cover the difficulties in adapting the main research techniques to the international events. The debate proposed here emphasizes that the absence of a methodological discussion in the IRs prevents the access to research tools that could encompass the latent epistemological plurality in the area. The paper also stress the challenge in connecting theory and empiricism, and the measurement difficulty of the main concepts, as such power. Ultimately, the combination of quantitative and qualitative techniques, as the multimethod, might be the best answer to address the causal complexity that characterizes the IRs.

Keywords: methodology, international relations, multimethod.

O Labirinto Metodológico das Relações Internacionais: Dilemas e Potenciais Saídas

Cinthia Regina Campos¹

A INCIPIÊNCIA DO DEBATE

Uma busca rápida em um dos maiores portais de acesso gratuito a periódicos e de ampla abrangência nacional, o Scielo, revela um cenário preocupante: uma escassez de artigos dedicados a discutir metodologia em Relações Internacionais (RIs). Em algumas raras exceções é possível encontrar exemplares que separam ao menos uma seção para apresentar o método aplicado à pesquisa desenvolvida no texto (Oliveira et al, 2006; Hoffmann et al, 2008; Tostes, 2009; Campos, 2009; Steiner, 2011). Em grande medida, o debate metodológico nos principais periódicos da área publicados no Brasil remete-se ao refino teórico e conceitual das abordagens clássicas, a exemplo das escolas realista e liberal (Herz, 1999; Cervo, 2003, 2008); ou ainda ao cenário nacional de expansão do ensino da disciplina e às possibilidades de autonomia (Miyamoto, 1999, 2003; Lessa, 2005; Santos & FONSENCA, 2009).

Em contrapartida, observa-se um lento porém frutífero movimento de redirecionar o debate, a exemplo da inserção de Workshops Doutorais nos encontros nacionais da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI) e a recente chamada de artigos para o dossiê da Revista Brasileira de Política Internacional sobre as dificuldades do pluralismo característico da área. No entanto, várias perguntas persistem: para além das necessárias discussões epistemológicas e ontológicas da disciplina, quais ferramentas analíticas se adequam melhor aos problemas investigados pelas RIs? Que opções metodológicas estão disponíveis? E mais, quais os principais dilemas ao conectar teoria e empiria em estudos marcados pela complexidade causal?

Este artigo tem como objetivo principal ampliar e estimular a discussão acerca dos diversos

¹ Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista do Programa Nacional de Pós-doutorado/CAPES; membro do Núcleo de Política Comparada e Relações Internacionais/ UFPE; do Preator/UFPE e do Centro de Estudos Internacionais/UFS. Parte deste artigo faz está contemplada na tese de doutorado defendida pela autora. É imprescindível fazer um agradecimento ao Prof. Flávio Rezende que sempre estimulou o debate metodológico na UFPE. Email: cinthya.ricardo@ufpe.br

caminhos disponíveis para a pesquisa científica na área. Entende-se que o campo ainda é pouco explorado pela literatura brasileira e que diversas técnicas de investigação já aplicadas pela Ciência Política em geral tem um potencial que deve ser considerado pelas RIs. Por conseguinte, este artigo propõe-se a fazer uma panorama geral dos dilemas epistemológicos que cercam a disciplina e pretende igualmente elencar quais ferramentas poderiam melhor se adequar a seus problemas de pesquisa.

Para tanto, após esta breve introdução, o artigo divide-se em três partes principais: em primeiro lugar, discute-se os principais dilemas epistemológicos e ontológicos das ciências sociais como um todo, no qual invariavelmente as RIs estão inseridas. No momento seguinte tratar-se-à das dificuldades próprias da disciplina, a exemplo do problema de mensuração e o descompasso entre a teoria e a empiria. Em um terceiro momento, elaboram-se-à um mapeamento das principais técnicas de pesquisa e os desafios na sua aplicabilidade, além da sugestão do múltimetodo como potencial saída para este labirinto. Por fim, algumas considerações encerram esta contribuição.

2. A HISTÓRIA SEM FIM

Uma das cenas mais emblemáticas desse clássico dos anos 80 é quando Atreyu precisa atravessar o pantano da tristeza com seu cavalo, Artax. A única regra é não se deixar afetar pelo ambiente escuro, frio e inóspito do lugar, pois aquele que for tomado pela tristeza afundará na lama, em um drama sem volta. O debate acerca dos dilemas ontológicos e epistemológicos das relações internacionais reflete um pouco a cena: passar por ele é inevitável, mas a travessia deve ser parcimoniosa, objetiva e realista. Um consolo para as RIs é que suas dificuldades não são diferentes daquelas enfrentadas pelas demais ciências sociais.

Em geral, toda discussão metodológica inicia-se na clássica diferenciação entre ontologia e epistemologia. Um debate que parece banal e, por vezes superado, na verdade reflete as escolhas do pesquisador e a forma como este conduz a pesquisa científica. Em primeiro lugar, claro está que a diferença entre ontologia e epistemologia, quando na primeira reflete a natureza em si do ser e a segunda à teoria do conhecimento. Apesar de correlatos, os dois conceitos são diferentes e não podem ser ignorados pelos cientistas políticos. Marsh & Furlong (2002) bem lembram que dificilmente um pesquisador, principalmente das ciências sociais, é totalmente isento de valor em suas premissas ontológicas e epistemológicas. A exemplo de um pesquisador que se identifique com o Positivismo, este busca uma separação mínima entre suas convicções pessoais e o objeto de estudo, recorrendo às técnicas de pesquisas que priorizam relações causais e generalizações. Todavia, a identificação inicial pelo Positivismo como ferramenta para produzir conhecimento já revela um posicionamento do pesquisador acerca de sua concepção de ciência. Bem como alertam os autores: "...all students of political science should recognize and acknowledge their own ontological and epistemological positions and be able to defend these positions against critiques from other positions"² (Idem, 2002: 17).

Além do Positivismo, há uma segunda corrente epistemológica classificada como hermenêutica, também conhecida como interpretativista. Nesta perspectiva, toda e qualquer forma de conhecimento é subjetiva, percebendo a realidade como socialmente construí-

2 Tradução da autora: "... todos os estudantes deveriam identificar e admitir suas próprias posições ontológicas e epistemológicas e serem capazes de defendê-las contra críticas de outras posições".

O Labirinto Metodológico das Relações Internacionais: Dilemas e Potenciais Saídas

da, passível de mudanças e interpretações. Ao contrário dos positivistas mais aguerridos, que se atem somente aos fenômenos sociais passíveis de observação direta, os adeptos da hermenêutica se preocupam especialmente em compreender os mecanismos sociais que permeiam as relações humanas. Em outras palavras, enquanto o primeiro está interessado em por que certos fenômenos ocorrem, a segunda corrente busca entender como esses processos se desenvolvem. Em virtude desses posicionamentos distintos, a escolha entre essas duas abordagens dificilmente pode ser feita de forma permutável, ao bel sabor do pesquisador, pois aquelas refletem nossa percepção do que é e de como fazemos a ciência social (Ibidem, 2002: 21).

Um problema que Della Porta & Keating (2008) bem apontam é a recorrente confusão entre epistemologia e método, quando na verdade, apesar de conectadas, são duas noções diferentes. Separar ou aderir às correntes positivistas ou interpretativistas em virtude dos métodos que a priori aplicam com mais frequência é um erro que deve ser evitado. Segundo os autores: “Methods are no more than ways of acquiring data. Questions about methods do, however come together with epistemology and theory in discussions about methodology, which refers to the way in which methods are used³” (Della Porta & Keating, 2008: 29). O que diferencia as duas correntes inicialmente é como elaboram a questão de pesquisa: enquanto os positivistas constroem e operacionalizam suas hipóteses de forma dedutiva, baseadas em teorias e conhecimento prévio; os interpretativistas derivam suas hipóteses de forma mais indutiva, em que seus conceitos emanam e se modificam no decorrer da própria pesquisa. É importante lembrar que aqui se refere às abordagens clássicas positivistas e interpretativistas, em que a partir delas uma gama imensa de ramificações surgiu ao longo da história da teoria do conhecimento. As diferenças entre algumas dessas derivações estão exemplificadas no quadro abaixo:

Quadro 1. Diversas Abordagens das Ciências Sociais

	Positivismo	Pós-positivismo	Interpretativismo	Humanista
Ontologia				
Realidade Social existe?	Objetiva; realismo	Objetiva; realismo crítico	Objetiva e subjetiva assim como intrinsecamente correlata	Extremamente subjetiva
É possível apreender a realidade?	Sim e fácil de ser capturada	Sim, mas não muito fácil de ser capturada	De alguma forma sim, mas não é imune à subjetividade humana	Não; o foco da ciência social é na subjetividade humana
Epistemologia				
Relação entre pesquisador e seu objeto de estudo	Dualismo: pesquisador e objeto estão completamente separados; procedimentos indutivos	Conhecimento é influenciado pelo pesquisador; procedimentos dedutivos	Busca entender o conhecimento subjetivo	Nenhum conhecimento objetivo é possível
Formas de conhecimento	Leis Naturais (relações causais)	Leis probabilísticas	Foco no contexto	Foco nos significados/símbolos

Fonte: traduzido e adaptado de Della Porta & Keating (2008).

No quadro acima, é possível perceber uma gradação desde o positivismo ortodoxo até a

3 “Métodos não são além do que meios de adquirir data. Questões sobre métodos, entretanto, surgem com discussões epistemológicas e teóricas sobre metodologias, que se referem à forma como métodos são usados.”

corrente humanística, ou seja, não é possível classificar posições epistemológicas em categorias binárias. Os pontos extremos dessa linha classificatória tendem a perder espaço, principalmente na Ciência Política Contemporânea.

Outra diferença importante entre o positivismo ortodoxo e os paradigmas menos radicais é o reconhecimento da interferência, em algum grau, do pesquisador no objeto de estudo, tendo em vista que a visão clássica positivista assume uma total separação entre pesquisador e objeto, bem como a capacidade daquele em derivar leis causais a partir da observação deste. Não negam a existência de outsiders, valores extremos que em virtude de fatores específicos não podem ser enquadrados nos resultados da pesquisa, todavia não eliminam a capacidade do pesquisador em identificar padrões explicativos e traçar tendências. (Idem, 2008).

Ainda em relação ao quadro 1, a abordagem interpretativista assume que a objetividade e a subjetividade estão inerentemente conectadas na realidade social, a qual não pode ser considerada totalmente separada dos valores do pesquisador. Portanto, apreender também como esse conhecimento é construído, ou seja, o contexto histórico-cultural no qual a pesquisa se desenvolve é fundamental para esse paradigma. A diferença mais saliente entre a corrente interpretativista e sua versão mais ortodoxa, a humanista, é que esta não admite qualquer possibilidade de uma realidade ser apreendida objetivamente. Na verdade, essa perspectiva nega até existência de uma realidade, afirmando que o máximo que podemos absorver sobre as relações sociais são os símbolos e significados que as permeiam.

De uma forma geral, os positivistas estão interessados em identificar causalidades e padrões de comportamento, analisando o maior número possível de casos, captando as variações entre eles; enquanto que os interpretativistas priorizam um número reduzido de casos, com o objetivo de acumular o máximo de informações na tentativa de apreender a complexidade do problema específico de pesquisa. Como Della Porta & Keating (2008) deixam claro, a escolha epistemológica precede à escolha das técnicas de pesquisa. Uma vez que o pesquisador se identifique com uma determinada perspectiva científica partirá, então, para a escolha dos métodos que melhor se enquadram aos seus objetivos de pesquisa. Apesar da obviedade neste procedimento, Green & Shapiro (2005) bem lembram que há uma tendência em priorizar a técnica em detrimento do problema de pesquisa, principalmente pelos positivistas. Isso significa dizer que um pesquisador que domina métodos quantitativos, finda por se dedicar a temáticas capazes de serem mensuradas e dificilmente aplica outras técnicas como entrevistas, análise de discurso, estudo de casos, etc.

Essas características guiam ao problema de adesão a duas modalidades de pesquisa: method-driven versus problem-driven (Idem, 2005). A primeira refere-se diretamente ao apego do pesquisador ao método que este mais domina, o que o impele a analisar apenas temáticas que se enquadram em uma técnica específica de pesquisa. Em contrapartida, os autores defendem uma postura científica que priorize o problema de pesquisa, aplicando todas as ferramentas disponíveis, contanto que contribuam para apreender ao máximo do objeto de pesquisa. Green & Shapiro (2005) apontam como solução um universalismo parcial, em que se admite predições, pressupostos definidos pela teoria, mas que não eliminam totalmente explicações alternativas ou complementares. Como fica claro,

Once the world of monocausal explanation has been eschewed, it makes little sense to zero in on one variable and model it, without trying first to get a sense of

O Labirinto Metodológico das Relações Internacionais: Dilemas e Potenciais Saídas

how important it is in relation to other variables and how it interacts with them. This is why we press the question, what seems most likely to account for X?, as superior to: how can a rational choice model be developed that accounts for X?⁴ (Idem, 2005: 89).

Destaca-se aqui três pontos principais que estão nas entrelinhas do alerta de Green & Shapiro: parte-se primeiro de uma pergunta de pesquisa que leve em consideração a empiria e suas limitações; é possível sim ser guiado apenas pela técnica específica com a qual está mais familiarizado, no entanto tem-se que reconhecer as limitações das conclusões a que se chegou; por fim, o multimétodo, ou seja, o emprego de diversas ferramentas de pesquisa contribui não apenas para o melhor entendimento de um problema mais complexo, como também elimina em algum grau explicações alternativas. Em suma:

“Whether the tools of economics, psychology, sociology or other discipline should be brought to bear in the study of a given problem is always an open question, depending on the nature of the problem and the prior history of attempts to study in these and other disciplines⁵” (Idem, 2005: 99).

Apesar deste debate se concentrar nas Ciências Sociais em geral, esses dilemas estão igualmente presentes na análise de Relações Internacionais. Hollis & Smith (1991) classificam os paradigmas em duas categorias: os compromissados com a explicação; enquanto outros com a compreensão da política internacional. Segundo os autores, são duas lógicas diversas de causalidade e, portanto, Realismo e Idealismo se localizam em esferas opostas de classificação. De modo geral, o Realismo busca reproduzir o caráter científico das ciências naturais, enquanto o Idealismo/Liberalismo percebem o mundo como um espaço aberto à ser compreendido e não controlado ou testado. Assim como Marsh & Furlong (2002) afirmam em relação aos fenômenos sociais em geral, Hollis & Smith (1991) já anteviam a impossibilidade do pesquisador em permutar entre uma e outra vertente de investigação.

Wight (2002) considera que o debate acerca dos posicionamentos ontológicos e epistemológicos nas RIs vão para além desse binômio explicação e compreensão. Segundo o autor, três debates distintos estão presentes e em que há um continuum ao invés de uma oposição entre seus componentes, são eles: explicação e compreensão; positivismo e pós-positivismo; racionalismo e reflexivismo. Em outras palavras, não há sequer um consenso sobre o significado de ciência, principalmente nas Relações Internacionais. Uma das questões que norteiam o debate na literatura internacional diz respeito à real possibilidade de se apreender todas as nuances da complexidade internacional, em que fatores histórico-culturais apresentariam um impacto maior no plano externo do que no plano interno dos Estados (Lebow, 2007; 2014; Hopf, 2007). No próximo tópico, tratar-se-à dessas especificidades metodológicas da área.

4 “Uma vez que o mundo de explicação monocausal seja evitado, faz muito pouco sentido zerar em uma variável e modelá-la, sem tentar primeiramente entender sua importância em relação a outras variáveis e como elas interagem. Por isso forçamos a pergunta, o que é mais provável para ser considerado para X?, como (uma questão) superior a: como o modelo da escolha racional pode ser desenvolvido para explicar X?”

5 “Quaquer das ferramentas da economia, psicologia, sociologia ou outra disciplina a ser trazida para apoiar o estudo de um dado problema é sempre uma questão aberta, dependendo da natureza do problema e do histórico de tentativas anteriores do estudo nessa e em outras disciplinas”.

3. ARMADILHAS E DESAFIOS DA PESQUISA CIENTÍFICA EM RIS.

Com base tanto na literatura mais ampla acerca da metodologia em ciências sociais quanto nos conceitos específicos das Relações Internacionais, esta seção dedicar-se-à discutir as principais dificuldades em conectar teoria e empiria na disciplina.

3.1 A Política Comparada: o Estudo de casos como Primeira Opção

Tradicionalmente, a Política Comparada tem sido associada às Relações Internacionais como uma sub-área desta. Inevitavelmente, a larga maioria dos internacionalistas realizam estudos de casos comparados provavelmente por não dominarem outras ferramentas que se adequem à pergunta de pesquisa. Dessa forma, a comparação entre países torna-se um recurso comum nas análises em RIs. No entanto, a política comparada não é uma área específica de estudo, mas um método aplicável a qualquer pesquisa que tenha por objetivo estabelecer proposições gerais (Lijphart, 1971:682). Também é interessante ter em mente que a política comparada é uma estratégia de pesquisa; mais um procedimento do que uma técnica (Idem, 1971).

Como discutido anteriormente, a questão de pesquisa a ser respondida e a tipologia dos dados disponíveis para respondê-la serão fatores determinantes na escolha da técnica de pesquisa, seja ela quantitativa ou qualitativa. No entanto, o método comparado é comumente aplicado para pesquisas com intermediate ou small-n, ou seja, estudo de poucos casos. Isso se deve principalmente ao problema da indeterminação causal quando se tem mais variáveis do que número de casos. Em virtude disso, a técnica estatística perde a capacidade de determinar com segurança quais são os fatores sistêmicos que apresentam maior impacto na variável de interesse. Também por isso o método comparado foi tão bem aceito nas Relações Internacionais, pois permite analisar diversas variáveis em distintos fenômenos, desde países a guerras e tratados internacionais.

Assim como King, Keohane e Verba (1994), Lijphart (1971) já antevia como solução para o problema das muitas variáveis e poucos casos o aumento do n sempre que possível como forma de evitar a indeterminação causal, a exemplo de estudos longitudinais. A política comparada de intermediate-n, mesmo quando feita dentro de uma unidade de análise ou um país, deve sempre que possível aumentar o número de observações ou diminuir as variáveis de análise, por meio de técnicas como análise fatorial. No entanto, segundo o autor, a política comparada precisa ser menos audaciosa em suas conclusões do que o método quasi-experimental devido à capacidade relativa em eliminar explicações rivais. Para Lijphart (1971: 65), parcimônia é componente essencial da análise comparada.

Sartori (1991) chama a atenção para estudos de casos não possuem capacidade explicativa suficiente para confirmar totalmente ou derrubar por completo alguma teoria. Na verdade, estudos de caso servem apenas para dar mais confiança ou inferir o contrafactual na análise, pois segundo o autor, não seria possível realizar testes de hipóteses com estudos de caso (Sartori, 1991: 252).

A parte da funcionalidade do estudo de caso questiona-se também como selecioná-los. Este é um problema menos latente na pesquisa de large-n, a qual aplica largamente a técnica estatística, em que a escolha das observações é aleatória. Ao contrário do que acontece

nos estudos de caso, em que os mesmos são selecionados justamente pelos valores que apresentam. Ou seja, o resultado entre a variável dependente e as de controle já é minimamente previsto (George & Bennet, 2005). Em suma, é justamente pelos valores que assumem na variável dependente que estes casos despertam o interesse do pesquisador.

King, Keohane & Verba (1994) alertam para os riscos desse procedimento, sendo o principal deles o de enviesar os resultados da análise comparada, ou em outras palavras, confirmar uma hipótese inicial de pesquisa com casos que não apresentam variabilidade entre eles. Geddes (1990) afirma que se o pesquisador selecionar apenas casos similares, a explicação é incompleta. Quando o pesquisador escolhe casos de acordo com os valores da variável dependente, duas ordens de problemas surgem: primeiro, incorre-se no erro de considerar que as similaridades entre os casos representam a causa do fenômeno em estudo; segundo, tentar generalizar as conclusões encontradas para os demais casos não selecionados.

Para solucionar essas dificuldades, Geddes (1990:135) recomenda escolher os casos sempre de forma aleatória, ou por algum critério que não esteja relacionado com a variável dependente, manobra recorrente na pesquisa quantitativa. Apesar das considerações da autora, quando se trata de um número limitado de casos e de uma pesquisa qualitativa, aleatoriedade torna-se uma tarefa impossível (Bennet & Elman, 2006). Outra escolha condenada por Geddes (1990) e já antecipada por Lijphart (1975) diz respeito à seleção dos casos em virtude de proximidade geográfica. Frequentemente a política comparada de poucos casos é utilizada para investigar a relação entre países, configurando estes como unidades de análise. A depender da questão de pesquisa, selecionar países pelo critério geográfico também pode enviesar a análise⁶.

Landman (2008) aponta que o problema do viés de seleção é mais latente em estudos de poucos países e em casos único, em que o pesquisador aprofunda a análise em um único país. Nesse caso, a intencionalidade da escolha é parte integrante da pesquisa, porém não exclui certos procedimentos para evitar uma superestimação das conclusões de pesquisa. Segundo o autor, há quatro soluções para amenizar o problema em se selecionar casos com valores na variável dependente. O primeiro deles é escolher casos que apresentem valores positivos e negativos da variável dependente. Segundo se baseia na escolha de países em que a partir de um conhecimento já estabelecido e substantivo que de fato se trata de casos paralelos. Terceira solução surge quando se tem uma teoria forte o suficiente que auxilie a esclarecer os resultados e as explicações obtidas a partir dos casos selecionados. Por fim, uma teoria forte também permite identificar casos menos prováveis de se encontrar o fenômeno de interesse (Landman, 2008:39). No entanto, é bom lembrar que “All four solutions demand close attention to the types of inferences that are being drawn when intentionally choosing countries for comparison” (Landman, 2008: 39).

3.2 O Problema da Mensuração

Dentro das RIs, o debate sobre a necessidade de um aporte mais científico surgiu nos pri-

6 Geddes (1990) utiliza como exemplo pesquisas sobre repressão à classe trabalhadora e crescimento econômico. Quando se compara apenas entre os países do Leste Asiático, tem-se a falsa impressão que repressão e crescimento econômico estão correlacionados, mas na verdade o Leste Asiático tem uma média de crescimento naturalmente maior do que outros países em outras regiões seja países democráticos ou não.

7 “Todas as quatro soluções demandam uma atenção especial para os tipos de inferências que são feitas quando intencionalmente se escolhe países para comparação”.

meiros escritos de autores realistas, em resposta ao forte teor normativo das escolas liberais clássicas nos estudos sobre guerra e paz. Morgenthau foi um dos primeiros realistas a se aproximar de uma abordagem mais científica, apesar de não discutir a adesão da disciplina a um posicionamento ontológico específico. Segundo Hollis & Smith (1991), ao fazer uso da objetividade e da empiria para explicar o cenário internacional, Morgenthau estabeleceu os primeiros parâmetros para a inserção do positivismo nas RIs, apesar desse enquadramento ser controverso⁸.

Com a influência da revolução behaviorista que impactou todas as ciências sociais na década de 60, as RIs passam a avaliar as possibilidades de investigação dos fenômenos internacionais; seja pelo viés positivista, seja pela valorização do tradicionalismo-histórico como resposta ao primeiro. Coube ao Realismo explorar uma das primeiras questões de caráter metodológico fundamentais para a sistematização da pesquisa na área: o nível de análise. Waltz (1959) reconhece que o sistema internacional divide-se em três níveis potenciais de análise: 1) o indivíduo, em que se assume que este possui uma natureza fixa e auto interessada; 2) o Estado, que tanto pode se comportar de forma belicosa ou pacífica, já que se o sistema fosse marcado apenas pela existência de Estados pacíficos, não haveria guerra; 3) o Sistema, caracterizado pela guerra cuja causa é a anarquia internacional. Definir a direção e o foco da análise ainda é o maior desafio das RIs⁹. As teorias realistas persistem em aplicar a noção unívoca de que a formação interna da agenda não interfere na dinâmica externa de atuação dos Estados e que a busca pela efetivação do interesse nacional tem um mesmo fim para todos: acumulação de poder (Nogueira & Messari, 2005).

Apenas com o conceito liberal de interdependência complexa (Keohane & Nye, 1977), o nível doméstico passou a ter importância na definição do interesse nacional, bem como a multiplicidade de atores, estatais ou não¹⁰. As mudanças produzidas no cenário internacional com o fim da Guerra-fria, a influência das abordagens liberais revisitadas e o surgimento de novos paradigmas construtivistas e pós-modernistas reforçando a interação entre os diversos níveis de análise evidenciaram as dificuldades conceituais e metodológicas das RIs. Identificar o impacto dos diversos níveis de análise para formular uma tipologia de interação exigia agora do internacionalista uma preocupação ainda maior com desenho de pesquisa e refinamento teórico.

O primeiro desafio da disciplina é definir e explorar formas de mensuração dos seus conceitos basilares. Segundo Herrmann (2002), as abordagens racionalistas buscam descrever o ambiente externo a partir de uma estratégia objetiva, aplicada tanto para estimar as motivações dos atores políticos quanto os resultados advindos da interação destes com o sistema internacional. Como exemplo, o conceito de interesse nacional é definido a partir da constatação da inexistência de regulamentos externos às ações do Estado. Dessa forma, os atores estatais são compelidos a adotar estratégias de sobrevivência em um ambiente marcado pela anarquia. A mensuração das motivações não é automática, porém as ações

8 Segundo Wight (2002), Morgenthau era muito mais um empirista do que um positivista, em virtude da ausência de comprometimento do autor em construir um aporte genuinamente científico para as RIs.

9 Ao contrário de Kaplan (1957), que defendia o mundo multipolar como o mais estável, o neo-realismo estrutural de Waltz (1979) identificava na dinâmica sistêmica a fonte dos conflitos e entendia a bipolaridade como o arranjo mais próximo de uma estabilidade internacional, em virtude do clássico conceito de equilíbrio de poder.

10 Os estudos voltados para a análise de política externa foram os mais beneficiados com as mudanças nas disciplina (Ayron, 2008).

estatais são um resultado da soma dos seus desejos a um sistema de crenças.

Na perspectiva realista, independente do conteúdo específico de suas ações, os Estados agem com o objetivo de acumular mais poder e garantir sua autosobrevivência. Definir poder torna-se essencial para estimar a distribuição deste no sistema internacional. Assim como para as teorias realistas quanto para as racionalistas, definir poder e como ele é distribuído é fundamental para entender as dinâmicas da balança de poder. Já para os liberais institucionalistas, a possibilidade de cooperação está diretamente relacionada com a multiplicidade de organizações internacionais, criando um sistema de compliance e modificando as expectativas na interação entre os atores internacionais, principalmente estatais. Em outras palavras, quanto mais alto e mais aprofundado for o nível de institucionalização, proporcionalmente maior seria a cooperação na política internacional (idem, 2002:128).

The Correlates of War Project (COW)¹¹ é o mais completo banco de dados disponível para mensurar uma série de questões internacionais e é organizado desde 1973 pelo Prof. David Singer. O projeto ainda se destina a ser um repositório de dados enviados por outros pesquisadores e universidades. O COW define poder a partir de um indicador que estima as Capacidades Materiais Nacionais, que reúne uma série de indicadores secundários, a exemplo de população, gastos militares, efetivo militar, consumo, produção de energia e ação, dentre outras. O grande problema aqui é a necessidade de combinar este indicador de capacidade nacional com outras características que também são passíveis de influenciar o sistema de crenças ao qual os atores internacionais estão expostos. Por exemplo, como verificar empiricamente quais Estados fazem mais uso do soft power (Nye, 2002) do que outros? Até mesmo o autointitulado “último dos realistas”, John Mearsheimer (2001) afirma que a capacidade de ameaçar outrem pode ser tão ou mais efetivo do que de fato exercer fisicamente poder militar. No entanto, a questão continua em aberto: é possível identificar e diferenciar Estados que possuam maior ou menor capacidade de ameaça? De que forma essas dinâmicas são afetadas por fenômenos recentes, a exemplo das interações cibernéticas? Como mensurar a sensibilidade e a vulnerabilidade de cada Estado, como propõe os adeptos da interdependência complexa? Como as abordagens neo-funcionalistas podem avaliar de forma comparativa diversos processos de integração regional sem que haja uma forma minimamente objetiva de estimar níveis de institucionalização supranacional? Está mais do que claro que as Relações Internacionais precisam discutir e enfrentar a dificuldade de mensuração para diminuir o descompasso entre teoria e empiria.

Mearsheimer & Walt (2013) apontam que com o avanço e a democratização da tecnologia, a resposta apresentada pelos pesquisadores refletiu um crescimento de estudos quantitativos, principalmente nos estudos de segurança e defesa e centros de pesquisa instalados nos Estados Unidos. No entanto, os autores alertam que em virtude da maior dificuldade de mensuração dos fenômenos internacionais, o simples teste de hipótese não pode ser feito de forma automática, principalmente em modelos lineares. Testar a adequação de uma teoria requer uma constante conexão desta com a análise dos dados coletados. Do contrário, “there are two possible dangers, therefore: (1) theorizing that pays too little attention to

11 O repositório possui igualmente dados sobre formação de alianças, atuação diplomática, de comércio bilateral, dentre outros (<http://www.correlatesofwar.org/>). Há ainda diversos outros índices que buscam medir poder, dentre eles: Global Firepower Index (<http://www.globalfirepower.com/>), que se concentra em uma série de indicadores militares; National Power Index (<http://www.nationalpower.info/>), que insere variáveis macroeconômicas também.

testing; and (2) empirical tests that pay too little attention to theory. Because any discipline must perform both activities, the key issue is finding the optimal balance between them¹²” (idem, 2013: 437).

Os autores elencam cinco ordens de problemas que dificultam a investigação, são elas: 1) modelos mal construídos, que além do problema de seleção dos casos, é preciso entender como as variáveis se comportam quando agrupadas no modelo; 2) mensuração ineficiente, obstruindo a existência de consensos sobre conceitos chave como poder, coerção e cooperação; 3) baixa qualidade na coleta de dados específicos nas RIs¹³, problema que se reforça em estudos comparados quando diferentes agências em diferentes países fornecem banco de dados com indicadores difíceis de serem comparados; 4) a ausência de explicação, em que mesmo quando o modelo esteja ajustado, as variáveis de interesse bem definidas e uma coleta eficiente de dados, há ainda pouca generalização nas RIs; 5) Por fim e como consequência das dificuldades já citadas, persistente carência de confirmações empíricas que favoreçam o acúmulo de conhecimento na disciplina. No entanto, para superar esses desafios e estimular o progresso intelectual da disciplina, compreender e explorar as diversas ferramentas de análise disponíveis é imprescindível para o teste de teorias. Antes disso, far-se-à necessário um breve debate sobre que tipo de relações causais podem ser estabelecidas.

3.3 Definindo Causalidade

A obra seminal de King, Keohane and Verba é considerada referência principalmente por propor um desenho de pesquisa a ser aplicado independente da técnica de pesquisa escolhida pelo pesquisador. Segundo os autores, seja um estudo quantitativo ou qualitativo, este pode ser sistemático e científico, contanto que siga uma lógica de inferência: “the lessons of these efforts should be clear: neither quantitative nor qualitative research is superior to the other, regardless of the research problem being addressed¹⁴” (1994:159, kindle). Apesar de não elencarem uma técnica como superior a outra, King et al (1994) admitem que haja uma maior facilidade em identificar as regras de inferência em estudos quantitativos (1994:166, kindle). E mais, estudos qualitativos contribuiriam muito mais para entender as dinâmicas sociais se buscassem produzir explicações baseadas na lógica de inferência apresentada pelos autores¹⁵. É importante lembrar que os autores não estendem essa recomendação a todo e qualquer tipo de pesquisa social. Os autores lembram que o desenho de pesquisa proposto pelo livro se refere apenas aos estudos com um viés empírico, excluindo aqueles que tem preocupações estritamente filosóficas ou teóricas.

A obra de KKV é considerada um marco no debate metodológico da ciência política, provo-

12 Tradução da autora: “Há dois possíveis perigos, portanto: (1) teorizar dando pouca atenção ao teste; e testes empíricos que dão pouca atenção à teoria. Porque qualquer disciplina deve efetuar ambas atividades, o ponto chave é encontrar o equilíbrio ótimo entre elas”. Como exemplo, Mersheimer & Walt (2013) citam estudo realizado por Hutt & Russett (1984) sobre fatores que explicariam a deterrência durante a Guerra Fria. Os achados de Hutt & Russett variam de acordo o modelo estatístico aplicado, em que o impacto de armas nucleares ora não apresenta significância estatística, ora estima efeito positivo.

13 É possível citar diversos exemplos, desde as estimativas de posse de armas nucleares e morte de civis em conflitos militares a dados sobre fluxo migratório.

14 “As lições desses esforços deveriam ser claras: nem a pesquisa quantitativa ou qualitativa é superior a outra, independentemente do problema de pesquisa a ser resolvido”.

15 Essa perspectiva recebeu diversas críticas em estudos posteriores e que serão discutidas a seguir, principalmente porque esta tese considera essas ressalvas importantes para nosso modelo analítico.

cando uma reação em cadeia de diversos pesquisadores da área, em virtude principalmente por defender a necessidade de se testar hipóteses e que toda pesquisa social deve ter como fim estabelecer inferências, seja ela descritiva¹⁶ ou causal. No entanto, diferentemente de uma inferência descritiva, a definição de causa e efeito é bem mais complexa para as ciências sociais, o que provoca um certo receio por parte do pesquisador para avaliar até que ponto seus achados estabelecem de fato uma inferência causal. Segundo os autores, esta é uma incerteza que dificilmente será sanada, mas que não deve impedir o cientista de ir além da inferência descritiva quando tiver evidências suficientes para tal (idem; 1994: 1485, kindle).

A principal crítica direcionada à obra é certamente a predileção desta por uma inferência baseada na lógica quantitativa. Apesar de reconhecerem outras definições de causalidade¹⁷, além daquela da mensuração do efeito das causas, o pouco espaço dedicado por KKV a essas alternativas fez surgir uma série de estudos que não apenas tentam corrigir essa deficiência, mas que defendem uma maior importância da técnica qualitativa, ou pelo menos um reconhecimento dos trade-offs enfrentados pela lógica quantitativa de inferência causal (Liberman, 2005; Box-Steffensmeier, Brady & Collier, 2008; Mahoney, 2010; Brady & Collier, 2010).

O primeiro problema levantado diz respeito à dificuldade, quiçá impossibilidade, de se aplicar a lógica de inferência causal de KKV para determinados problemas de pesquisa em que o controle das variáveis e das observações não pode ser manipulado pelo pesquisador, o que ocorre com certa frequência em estudos da política comparada, instituições e regimes. Como bem aponta Przeworski (2007),

To identify the impact of political regimes on growth, we need to learn how political regimes come about and die. To identify the impact of peace-keeping mission on peace, we need to know when such missions are undertaken. To identify the impact of voting machines on the Bush vote, we need to know under what conditions different machines were in place. Hence, we need to study causes of effects as well as effects of causes¹⁸ (2007:148).

Przeworski (2007) afirma que pela impossibilidade de controlar variáveis histórico-culturais de forma aleatória ou quasi-experimental, inferências causais podem sofrer de endogeneidade. É possível garantir que as variáveis de controle e a dependente não sejam mutuamente reforçadas? A hipótese de homogeneidade causal implica na necessidade de

16 Em uma inferência descritiva a chave da investigação está em identificar fatores sistêmicos e não-sistêmicos relacionados ao objeto de pesquisa. Isso significa isolar os processos constantes nas observações daqueles ocasionais. A ideia aqui é expor o padrão que é comum e persistente entre as observações e o que é uma exceção (idem, 1994).

17 Entre elas, mecanismos causais, múltipla causalidade e causalidade simétrica e assimétrica. Para King, Keohane e Verba, mecanismos causais se estabelecem após a identificação do efeito de uma causa; enquanto a ocorrência de múltiplas causas pode ser corrigida com recursos estatísticos mais sofisticados; por último, causalidade simétrica e assimétrica não constituíram uma definição em si de causalidade, mas apenas um tipo de inferência causal (1994:1654, kindle).

18 “Para identificar o impacto de regimes políticos no crescimento, precisamos aprender como regimes políticos surgem e morrem. Para identificar o impacto das missões de paz, precisamos saber como essas missões são empreendidas. Para identificar o impacto das máquinas de votação na eleição Bush, precisamos saber sob que condições diferentes máquinas estavam no lugar. Por isso, precisamos estudar a causa dos efeitos assim como o efeito das causas.”

se separar o efeito da causa das condições nas quais ela é gerada. Quando se trata de instituições, regimes políticos e todo e qualquer fenômeno que apresente um processo histórico em curso, é necessário ter em mente a dificuldade de se eliminar totalmente a endogeneidade e a interferência das condições específicas nas quais as causas são geradas.

Collier, Brady & Seawright (2010) rechaçam fortemente KKV afirmando que mecanismos causais não apenas fornecem uma noção de contexto, como possuem potencial para confirmar ou negar uma inferência causal, além de alertar para correlações espúrias. Brady (2010) vai além afirmando que tanto é possível ter uma explicação sem causalidade, assim como efeitos de uma causa sem uma explicação (72p.). Segundo o autor, o grande problema na definição de causalidade apresentada por KKV é o pré-requisito da validade interna do modelo, que depende significativamente da eficiência na mensuração dos dados disponíveis.

Assim como Przeworski (2007), Mahoney (2010) alerta para a tipificação diferenciada de explicação causal que guia para técnicas diferentes de pesquisa, ou seja, o efeito das causas versus a causa dos efeitos, a primeira tradicionalmente aferida pela análise de dados large-n e a segunda por meio da identificação de mecanismos causais, percebido a partir de estudos de casos. Por conseguinte, o autor também rechaça a defesa de KKV de uma lógica única de inferência causal, uma vez que a ponte construída por KKV entre as duas técnicas baseia-se nas regras lineares de explicação.

Em um dos seus mais recentes livros sobre metodologia das RIs, Lebow (2014) propõe uma nova definição de causalidade, que segundo ele, se enquadraria melhor para a complexidade característica da disciplina. Reconhecidamente um pluralista em virtude de outras obras mais recentes¹⁹, Lebow (2014) cunha o termo Inefficient Causation, ou em tradução livre: Causação Ineficiente. O autor afirma que o objetivo deste conceito é agregar tanto a possibilidade de generalização quanto o contexto dos fenômenos histórico-sociais. Segundo ele: “It assumes that most important international outcomes are context dependent and therefore best characterized as instances of singular causation. It is rooted in an understanding of the political world as open-ended, non-linear, and reflexive²⁰”.

Lebow (2014) ainda afirma que o principal problema das RIs é que estas são incapazes de realizar previsões da forma como temas da Ciência Política conseguem, a exemplo de estudos eleitorais. Segundo o autor, as RIs são capazes de fazer projeções e não previsões. A diferença aqui, ele afirma, trata-se da capacidade de previsões estimarem tendências em termos de gradação, enquanto que:

Forecasting, by contrast, uses theories, propositions or correlations as starting points for open-ended, multiple narratives that build on context. They recognize that any story line may be confounded by events as so much of what determines outcomes is context dependent and outside of any theory, proposition or regularity. Associations, even weak ones, can serve as the foundation for forecasts, but not of predictions. Many predictions are nevertheless possible. Claims that the

19 Ver: Lebow & Lichbach (2007). *Theory and Evidence in Comparative Politics and International Relations*. New York: Palgrave Macmillan; Lebow (2008). *A Cultural Theory of International Relations*. Cambridge University Press.

20 “Presume que os mais importantes resultados internacionais são dependentes do contexto e, portanto, melhor caracterizados como ilustrações de uma causação singular. Ele está enraizado em um entendimento do mundo político sem limites, não linear e reflexivo”.

O Labirinto Metodológico das Relações Internacionais: Dilemas e Potenciais Saídas

euro will survive its latest crisis, that Iran is seeking a nuclear weapon capability, or that global warming will have profound climactic consequences may all be correct, but none of them are based on regularities (Idem, 2014:49).

Apesar do jogo de palavras para tentar diferenciar projeções de predições²¹, Lebow (2014) tem por objetivo principal defender a idéia de que as RIs se adequam melhor a uma explicação por processo e não por regularidade. Ao aplicar o conceito de causalidade singular como justificativa para a idéia de Causação Ineficiente, o autor também parte do pressuposto que boa parte dos eventos nas relações internacionais apresentam uma causalidade para aquele evento ocorrer, porém estaria permeada pelo contexto específico deste. Portanto, em sua visão, explicar fenômenos como as duas grandes guerras, a Guerra-Fria ou ainda a integração europeia a partir da busca por regularidades é um esforço inútil. Por fim, Lebow (2014) afirma que estudos comparados não perdem sua eficácia e permanecem sendo uma fonte importante para testar teorias e acumular achados, porém apenas por meio da técnica process tracing para estudos de caso em profundidade é que seria possível estabelecer uma causalidade, então, eficiente.

Talvez uma possível solução para estabelecer relações causais resida no desafio em integrar diversas ferramentas de pesquisa para explicar um mesmo fenômeno. O próximo e último tópico deste artigo tratará desta possibilidade.

4. O MULTIMÉTODO: EXPLICANDO MAIS E MELHOR?

4.1 Em Busca de um perfil de pesquisa

No survey TRIP Around the World: Teaching, Research, and Policy Views of International Relations Faculty in 20 Countries, realizado em 2012 e no qual inclui o Brasil em um dos seus casos, é possível identificar algumas nuances do ensino e da pesquisa das RIs no país²². De uma amostra de 270 profissionais selecionados no Brasil, 193 (71,5%) responderam às questões, que buscaram avaliar o perfil do docente de Relações Internacionais, tanto na sala de aula quanto no desenvolvimento da pesquisa. Dentre os respondentes, uma minoria afirma aplicar o paradigma da escolha racional em suas pesquisas (n=16), enquanto 41 pesquisadores não assumem a racionalidade como característica dos atores políticos²³. Da mesma forma, as abordagens clássicas ocupam pouco espaço nas análises feitas pelos pesquisadores, em que dos 100 respondentes, apenas 36 utilizam uma das correntes clássicas, a saber, Realismo, Liberalismo ou Escolha Inglesa, esta em menor número (n=9). No que

21 Para definir projeções, aquela que segundo o autor é a única que pode ser aplicada para as RIs, Lebow emprega o termo *forecast*, enquanto que usa o termo *predictions* para a capacidade de outras ciências sociais que efetivamente estimam tendências.

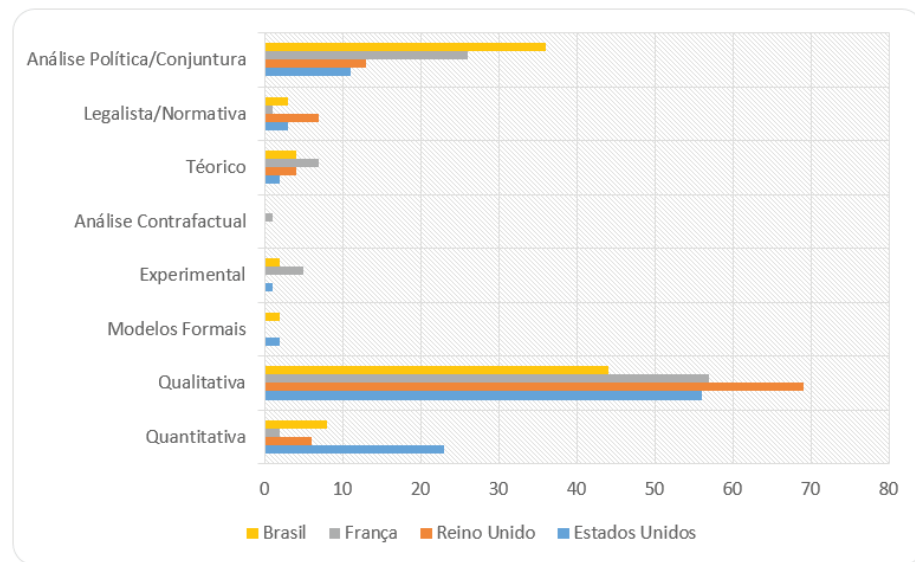
22 O Projeto realizado pelo o Institute for the Theory and Practice of International Relations, do College of William and Mary, na Virginia, sob a coordenação dos pesquisadores Malianiak, D., Peterson, S., Tierney, M.J. Para acessar o estudo, ver: https://www.wm.edu/offices/itpir/_documents/trip/trip_around_the_world_2011.pdf

23 Outros 44 respondentes afirmam que aplicam o paradigma da escolha racional de forma tangencial. Para esta questão, o total inicial de respondentes (n=193) não preencheram esta questão, causando uma perda de 92 respondentes para esta questão. Essas divergências se mantêm para outras questões. O relatório não aponta as razões para as inconsistências entre o universo de respondentes e o número exato para cada questão.

tange o posicionamento epistemológico, apenas 28 pesquisadores se consideram positivistas, enquanto 44 seriam não positivistas e 29 deles pós-positivistas. Também é interessante perceber que a larga maioria (n=77 versus n=23) afirmam considerar fatores ideacionais (a exemplo de cultura, crenças, percepções, ideologia) em suas pesquisas.

No entanto, a questão que mais interessa a este artigo diz respeito às técnicas de pesquisa mais utilizadas pelos pesquisadores brasileiros. Quando perguntados qual a principal técnica que os pesquisadores aplicam em suas pesquisas, identifica-se que no Brasil há uma concentração de profissionais que recorrem ao método qualitativo e à análise política de conjuntura. Ao comparar com outras nações, a saber os Estados Unidos, o Reino Unido e a França, o Brasil parece ter um perfil de pesquisador semelhante a esta última.

Gráfico 1 - Pergunta 28: Em sua pesquisa, qual principal método você aplica²⁴?



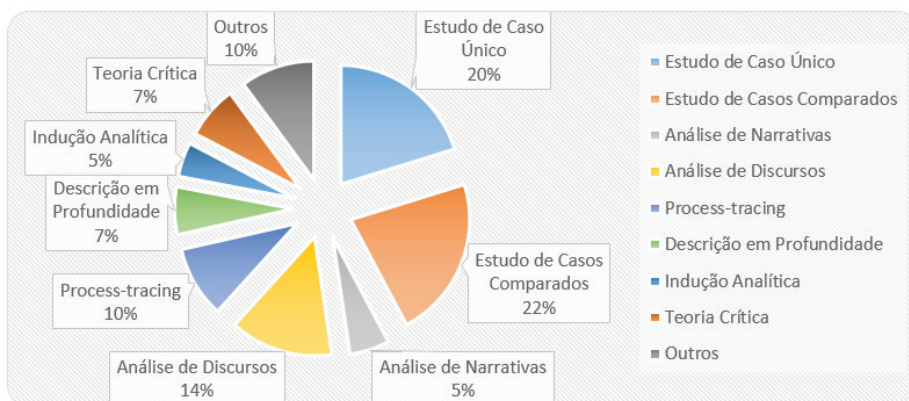
Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir de dados do TRIP Around the World: TRIP Around the World: Teaching, Research, and Policy Views of International Relations Faculty in 20 Countries.

Ao serem questionados sobre quais métodos mais utilizam quando se trata da pesquisa qualitativa, podendo selecionar mais de uma opção, percebe-se que os internacionalistas brasileiros recorrem às ferramentas clássicas da pesquisa qualitativa, como análise política, análise de discurso, narrativas históricas, dentre outros. Por não ser uma pergunta espontânea, em que as opções já estão postas, não foi possível avaliar se os pesquisadores conhecem novas técnicas de pesquisa qualitativa, a exemplo das análises de fuzzy-set. No entanto, a técnica process-tracing foi citada apenas 27 vezes, de um total de 277 menções. Também causa estranheza que o survey tenha considerado como método a abordagem da Teoria Crítica, que ao lado do Construtivismo pode ser considerada uma meta-teoria, mas não uma ferramenta de análise específica. Ver o gráfico abaixo:

24 Em algumas das categorias, o survey computou como <1. Para fim objetivo de criar o gráfico, estes valores foram reduzidos a 0.

O Labirinto Metodológico das Relações Internacionais: Dilemas e Potenciais Saídas

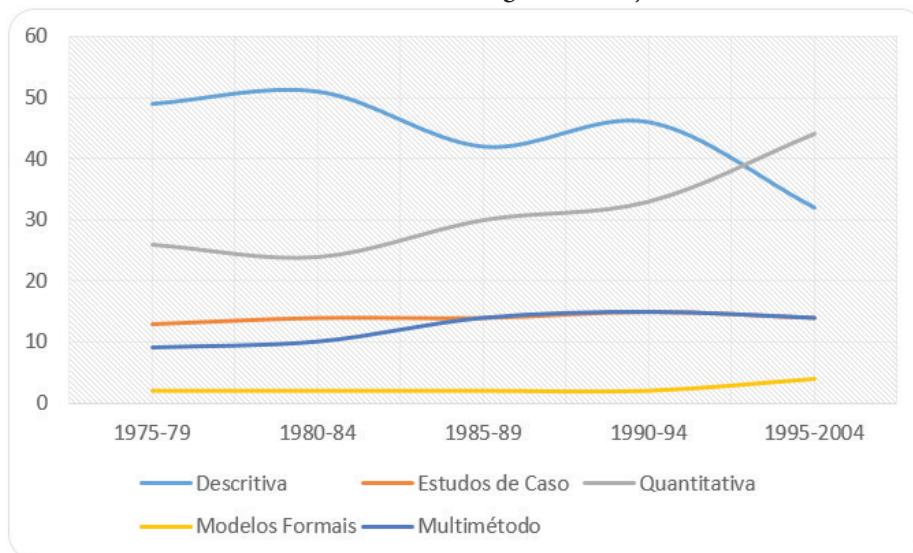
Gráfico 2 - Qual dos seguintes métodos qualitativos você mais usa? Cheque todos que se aplicam.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir de dados do TRIP Around the World: TRIP Around the World: Teaching, Research, and Policy Views of International Relations Faculty in 20 Countries.

Por fim, Sprinz & Wolinsky-Nahmias (2004:3) refoçam que o progresso intelectual de qualquer disciplina passa por três estágios, são eles: identificar um conjunto de fenômenos e questionamentos correlatos a estes para investigação; construção teórica sobre as observações e o problema de pesquisa; e por fim, aplicar uma metodologia capaz de confrontar o arranjo teórico com os achados empíricos. Os autores concordam que as Relações Internacionais ainda são frágeis nesta última fase. Ao investigar em diversos periódicos que contenham publicações na área de Relações Internacionais, em sua maioria norte-americanos²⁵, os autores identificaram um aumento no uso de técnicas quantitativas, ao passo que estudos descritivos perderam espaço nos principais journals.

Gráfico 3. Tendências na Metodologia em Relações Internacionais



Fonte: Gráfico adaptado e traduzido pela autora. Sprinz & Wolinsky-Nahmias (2004).

Os autores alertam para a ausência de uma variedade maior de técnicas de pesquisa que estão a disposição dos internacionalistas, mas que estes não ousam o suficiente em suas

25 Amostra coletada pelos autores nos seguintes periódicos: American Political Science Review, vols. 69–94; International Organization, vols. 29–54; International Security, vols. 1–25; International Studies Quarterly, vols. 19–44; Journal of Conflict Resolution, vols. 19–44; and World Politics, vols. 27–52.

publicações. No entanto, eles percebem como frutífero o crescimento de estudos que combinam diversas ferramentas metodológicas em único estudo, o multimétodo. O próximo e último tópico deste artigo busca explorar essas possibilidades.

4.2 Para além do embate Quali-quantitativo

Ao discutir brevemente o conceito de mecanismos causais, King, Keohane & Verba (1994) reservam um lugar de coadjuvante para ferramentas qualitativas de pesquisa como process-tracing. Segundo eles, este tipo de recurso é uma faceta complementar, contribuindo para inferência descritiva que antecede a inferência causal, mas que não constitui o foco principal para mensurar o efeito das causas. Ao contrário das técnicas disponíveis para analisar dados large-n, em uma pesquisa qualitativa o controle das variáveis é menos automático. É impossível reescrever a história com a presença ou ausência dos processos sistêmicos inicialmente identificados pela inferência descritiva, o que torna o estabelecimento de uma causalidade uma tarefa muito mais complexa. Em outras palavras, ao invés de valores brutos e variáveis de controle binárias, os autores sugerem a construção de escalas analíticas, identificando altas, médias e baixas variâncias nas variáveis de interesse (idem, 1605, kindle). Para tanto, o estudo de casos deve necessariamente aumentar sempre que possível o número de observações, pois apenas dessa forma o efeito causal é melhor visualizado em uma pesquisa qualitativa.

Collier, Brady & Seawright (2010) rechaçam fortemente essa visão afirmando que mecanismos causais não apenas fornecem uma noção de contexto, como possuem potencial para confirmar ou negar uma inferência causal, além de alertar para correlações espúrias. Brady (2010) vai além afirmando que tanto é possível ter uma explicação sem causalidade, assim como efeitos de uma causa sem uma explicação (72p.). Brady (2010:76) considera insuficiente a solução apresentada por KKV para a dificuldade de mensuração nas ciências sociais, afirmando ser simplista a divisão entre variáveis nominais, ordinais e intervenientes para a complexidade das ciências sociais. No entanto, o autor não apresenta uma alternativa consistente à proposta de KKV, mas alerta para a contribuição da pesquisa qualitativa na elaboração de tipologias e taxonomias conceituais, mas que possuem algum grau de flexibilidade, como no exemplo abaixo,

Thus we can measure democracy extensively by the fraction of the population enfranchised or by the number of parties, or we can measure it conjointly by using ratings from knowledgeable observers. If we use the second method, as qualitative researchers are inclined to do, then we might want to think about whether we should scale the raters as well as the countries that are rated. Maybe the raters differ in their willingness to call a country a democracy; maybe they even have biases of some sort or another²⁶ (Brady, 2010: 79).

A preocupação de Brady (2010) é similar a autores que lhe são contemporâneos: KKV ao estimular uma padronização da boa ciência, o faz com base nos princípios da técnica quan-

26 “Então podemos mensurar democracia extensivamente pela fração da população libertos ou pelo número de partidos, ou podemos mensurá-la conjuntamente usando taxas de observadores experientes. Se nós usarmos o segundo método, como pesquisadores qualitativos são inclinados a fazer, então nós poderíamos querer pensar sobre quando deveríamos escalonar as taxas assim como os países que são classificados. Talvez as taxas diferem na boa vontade em chamar um país de democracia, talvez elas até tenham algum grau de enviesamento”.

titativa, reservando para o método qualitativo um lugar de espectador o qual teria a muito a aprender com a lógica de inferência apresentada pelos autores. Brady (2010) alerta para o fato que por vezes essa forma de organizar um desenho de pesquisa pode cegar o pesquisador quanto à dificuldade em se formular bons modelos estatísticos capazes de elaborar inferências causais robustas, além de negligenciar a importância de estudos qualitativos, de onde surgem teorias e hipóteses iniciais de pesquisas utilizadas pela técnica quantitativa (p.81).

A partir do modelo de análise fuzzy-set²⁷ apresentado por Ragin (1987), Mahoney (2010) defende a existência de uma nova metodologia qualitativa que se revela de grande contribuição para o desenho de pesquisa, em que ambas as ferramentas associadas poderiam compartilhar seus pontos fortes e superar em conjunto suas limitações.

This literature suggests that qualitative work can help quantitative researchers with inevitable challenges concerning concepts and measurement, case homogeneity, and justifying key assumptions such as conditional independence. It likewise assumes that qualitative analysts can benefit from quantitative research when selecting cases, formulating hypotheses, and generalizing results²⁸. (2010:139).

Para Tarrow (2010) a ponte entre as duas técnicas tem sido cada vez mais comum nas ciências sociais, o que demonstra uma contribuição mútua entre as duas ferramentas na explicação de um dado fenômeno social. O argumento é que o verdadeiro progresso para uma ciência social mais rigorosa passa inevitavelmente pela combinação dessas ferramentas, respeitando a lógica interna de cada uma, mas sempre com o objetivo final de explicar em profundidade o objeto de estudo. Uma das técnicas de multimétodo mais comuns é o que Tarrow (2010) denomina de triangulação, em que em um único projeto de pesquisa há uma combinação entre dados lineares e dados qualitativos. Esta combinação é feita com o intuito de complementar possíveis vácuos explicativos deixados por uma ou outra técnica de pesquisa, além de contribuir para o teste de teorias e modelos estatísticos²⁹.

Freedman (2010) busca na epidemiologia exemplos em que a lógica de inferência por meio de mecanismos causais pode solucionar mistérios da medicina que a técnica quantitativa não foi bem sucedida. Desde a descoberta da penicilina à investigação da origem de um surto de cólera no séc. XIX, o autor demonstra que em todos os exemplos, estudos em profundidade de casos específicos que fugiam ao padrão dos acontecimentos auxiliaram na descoberta de novas doenças, bem como procedimentos profiláticos ou até mesmo a cura.

Freedman (2010) reintera a necessidade de se estudar os casos que não se adequam às aná-

27 Técnica desenvolvida para criação de tipologias e taxonomias por meio da redução de conceitos e características em comum feita a partir de uma comparação qualitativa de poucos casos. Baseado na álgebra booleana, a técnica de fuzzy-set permite uma análise formal na pesquisa qualitativa. Essa metodologia também é conhecida como QCA (Qualitative Comparative Analysis).

28 “Esta literatura sugere que trabalhos qualitativos podem ajudar pesquisadores quantitativos com desafios inevitáveis no que concernem conceitos e mensuração, homogeneidade de casos e justificando afirmações-chave como independência condicional. E igualmente supõe que analistas qualitativos se beneficiem da pesquisa quantitativa quando selecionem casos, formulem hipóteses e generalizem resultados”.

29 Lieberman (2005) também defende o uso da triangulação para melhor testar a robustez de teorias e modelos explicativos, no entanto ele afirma se estar uma análise aninhada, em que se escolhe casos in e out a depender dos achados do modelo linear anteriormente aplicado.

lises lineares pela sua importância ao inserir novas ideias, repensar teorias e até testá-las. Em uma defesa do alinhamento entre a técnica quantitativa e a qualitativa, considerando sua independência no que tange à lógica de inferência, o autor considera que a estratégia do multimétodo só tem a contribuir com o rigor científico nas ciências sociais. Em suma: “scientific inquiry is a long and tortuous process, with many fake starts and blind alleys. Combining qualitative insights and quantitative analysis – and a healthy dose of skepticism – may provide the most secure results³⁰” (2010:232).

Ao avaliar uma série de estudos que tentam estabelecer o efeito do regime democrático no crescimento econômico, Seawright (2010) afirma que nenhuma pesquisa que aplicou apenas modelos de regressão conseguiu estabelecer com segurança qual o tipo de relação que se estabelece entre esses dois fenômenos. As conclusões desses estudos vão desde que a democracia causa crescimento econômico até que a mesma é irrelevante. Segundo ele, as inconsistências apresentadas pelos modelos estatísticos derivariam do excesso de confiança depositado em regressões lineares aplicadas a processos complexos (idem, 2010: 249). Para o autor, a pesquisa qualitativa e os estudos de caso em profundidade não apenas serviram como teste de teoria e dos modelos quantitativos, mas principalmente como uma forma de tornar a inferência causal mais plausível, validando-a ou como forma de identificar mecanismos causais não observados anteriormente.

Em virtude da complexidade de alguns fenômenos sociais, torna-se uma tarefa difícil estabelecer relações causais apenas a partir de um desenho de pesquisa linear, em que é possível visualizar uma correlação entre as variáveis de interesse, mas não se traduz necessariamente em uma explicação causal. Segundo Seawright (2010), o movimento mais comum do pesquisador se encontra nesta situação é aumentar o número de variáveis de controle, como aconteceu com os estudos citados pelo autor que inseriram variáveis educacionais. No entanto, essa é uma solução controversa, pois esse modelo (democracia – educação – crescimento econômico) sofre de endogeneidade, tendo em vista que podem ser tanto uma causa como um resultado da relação entre esses fenômenos. Segundo o autor, quando se trata de uma causalidade complexa, sempre haverá o risco de se ter variáveis omitidas pelo modelo estatístico e por mais que se ajuste esse modelo, sempre será difícil tratar com um objeto de estudo que é multicausal.

Collier & Elman (2008) afirmam que a noção de complementaridade entre as ferramentas de análise quantitativas e qualitativas apresentam diversas configurações quando se trata de uma pesquisa de multimétodo. Além disso, para entender melhor as aplicabilidades do multimétodo, é preciso se despir das concepções tradicionais de ambas as ferramentas. Segundo os autores, por exemplo, tanto pesquisas quantitativas quanto qualitativas podem usar modelos matemáticos em suas análises³¹, assim como se encontram estudos históricos de large-n, com análise qualitativa aprofundada.

Os autores apresentam ainda três definições práticas de multimétodo, em que a primeira delas refere-se ao uso das diversas ferramentas qualitativas entre si. Entendendo que a pesquisa qualitativa tem se ampliado significativamente na última década, a possibili-

30 “Inferência científica é um longo e tortuoso processo, com muitas estrelas falsas e becos cegos. Combinar ideias qualitativas e análise quantitativa – e uma dose saudável de ceticismo – pode prover resultados mais seguros”.

31 Assim como há programas estatísticos que fazem análise de discurso, a exemplo do Nvivo, há a técnica de fuzzy set desenvolvida por Ragin (1987) que utiliza álgebra booleana em pesquisas qualitativas.

O Labirinto Metodológico das Relações Internacionais: Dilemas e Potenciais Saídas

dade de interação entre a variedade de técnicas qualitativas disponíveis permite elaborar explicações alinhando diversas metodologias, como exemplo de estudo de poucos casos aliado a process tracing, ou fuzzy set, ou ainda em associação com a identificação de parth depende (idem, 2008:782). Outra definição para multimétodo parte da conexão entre a abordagem interpretativista e a construtivista, baseada na ideia em que os fenômenos sociais podem ser compreendidos integrando a noção de hermenêutica com a construção social do mundo político. Por último e com ampla aplicabilidade nas ciências sociais, temos o multimétodo dedicado ao diálogo entre as técnicas qualitativas e quantitativas, cuja integração entre as duas tem sido cenário para o desenvolvimento de inúmeras estratégias de pesquisa.

Portanto, há diversas formas de combinação de técnicas quanti e quali em uma mesma pesquisa. Com base em Tarrow (2010), segue um quadro que resume as possibilidades de interação mais presentes na literatura atual,

Quadro 1. Interação entre estudos Quantitativos e Qualitativos

Técnica	Procedimento
Process Tracing (rastreamento)	Análise qualitativa voltada para identificar processos de mudanças, explicando mecanismos causais não claramente explicados por prévia análise estatística.
Pontos de Ruptura	Explica mudanças bruscas de padrões em análises quantitativas de séries temporais.
Inferências qualitativas reforçadas pela técnica quantitativa	Análise aprofundada de alguns casos que fornece confiança suficiente para uma inferência causal, passível de ser comprovada em um estudo estatístico complementar.
Dados quantitativos como ponto de partida para análise qualitativa	Tarrow (2010) propõe uma combinação das duas técnicas, enquanto sugere que KKV defendem a noção de complementaridade com vistas à lógica de inferência estatística.
Estudos sequenciais	Entre diversos projetos diferentes de pesquisa, pesquisadores recorrem ambas as técnicas de forma aleatória, na tentativa de expandir os achados anteriores.
Triangulação	Combinação das técnicas quantitativa e qualitativa em um único projeto de pesquisa com o intuito de aumentar o poder explicativo do modelo.

Fonte: Traduzido e adaptado de Tarrow (2010: 104).

Nessa perspectiva, tanto a modelagem qualitativa quanto a quantitativa podem representar o ponto de partida da pesquisa, percebendo a outra técnica como forma de expandir as descobertas da técnica previamente utilizada. Mahoney (2010) tem ressalvas quanto ao uso da análise qualitativa posteriormente ao emprego de regressões, em virtude das críticas que o autor retém a KKV, ao passo que também vê com desconfiança o modelo proposto por Lijphart (1971) que apresenta os estudos de caso, tradicionalmente qualitativos, como forma de gerar hipóteses a serem testadas posteriormente pela técnica estatística. Mahoney (2010:142) afirma que a literatura mais recente não apresenta uma divisão do trabalho tão clara entre as duas ferramentas, e sim que é possível gerar hipóteses e testá-las apenas com procedimentos qualitativos. Mais uma vez, o autor credita à autonomia das lógicas de inferência entre as duas técnicas e aos objetivos iniciais da pesquisa como a melhor forma de interação entre os dois modelos:

In short, process tracing in an individual case can lead a researcher to use regres-

sion analysis. The purpose of the regression analysis, however, is not necessarily to generalize a finding about the one case to a broad range of cases. Rather, its purpose may be to increase leverage for validity answering a question about that one specific case³² (idem, 2010:143).

Apesar da importância das observações de Mahoney (2010), a proposta defendida pelo autor esbarra em problemas práticos e apresenta algumas contradições. A exemplo da citação acima, ao propor que a análise de regressão seja aplicada para entender apenas um caso específico, ignora-se o fato que a lógica de inferência da própria regressão é de fato identificar padrões e, por consequência, generalizar conclusões ao comparar o maior número possível de observações³³. Ao defender a lógica própria de inferência da pesquisa qualitativa, peca-se por repetir o erro no que tange aos estudos quantitativos. Além disso, Mahoney (2010) não apresenta um modelo claro de como associar as duas ferramentas sem que haja interferência nos procedimentos de cada uma.

De qualquer forma, como bem lembra Braumoeller & Sartori (2004), a aplicabilidade de modelos estatísticos para as RIs depende especialmente da capacidade dos pesquisadores em dominar a técnica, considerando as dificuldades específicas da disciplina, que vão desde o já citado problema de mensuração até as recentes considerações sobre significância e magnitude estatística³⁴. Por outro lado, os internacionalistas precisam igualmente ampliar suas habilidades e aprofundar seu conhecimento sobre as diversas ferramentas possíveis para a pesquisa qualitativa. Se o ambiente internacional é complexo em demasia para ser averiguado em modelos lineares, é preciso ir além do uso recorrente da análise histórico-documental como principal opção investigativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo principal fazer um panorama sucinto sobre a importância e os desafios da discussão metodológica em RI, além de apresentar o multimétodo como possível saída para a complexidade causal característica da disciplina. Entende-se que mais artigos como este são necessários, inclusive para avaliar o progresso nacional da pesquisa na área. Está claro que este é um debate que não se difere daquele já realizado pelas demais ciências sociais, especialmente na Ciência Política, mas que no entanto carece de ampliação nas RIs. Espera-se que ao aprofundar o debate, a velha e confortável dicotomia ser ou não ser quantitativista dê lugar a uma maior criatividade metodológica.

32 “Em suma, process tracing em um caso único pode levar o pesquisador a usar análise de regressão. O propósito da análise de regressão, no entanto, não é necessariamente para generalizar uma descoberta sobre um único caso to para uma maior gama de casos. Preferencialmente, seu propósito pode ser aumentar a validade respondendo uma questão sobre aquele caso específico”.

33 Nesse sentido, a melhor forma de seguir a recomendação de Mahoney (2010) é aplicar modelos de regressão em estudos longitudinais de um mesmo caso.

34 Segundo os autores, metodólogos da Ciência Política já tem demonstrado que o R^2 tem sido superestimado para avaliar a robustez de um modelo estatístico.

REFERÊNCIAS

- BENNETT, A.; ELMAN, C. (2006). "Qualitative research: Recent developments in case study methods", *Annu.Rev.Polit.Sci.*, vol.9:455-76.
- BRADY, H. (2010). "Doing Good and Doing Better: How Far Does the Quantitative Template Get Us?". In: BRADY, H.; COLLIER, D. *Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standards*. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- BRAUMOELLER, B.F., SARTORI, A.E. (2004). "The Promise and Perils of Statistics in International Relations". In: Sprinz, D.F.; Wolinsky-Nahmias, Y. *Models, Numbers, and Cases: Methods for Studying International Relations*. The University of Michigan Press.
- BRADY, H.; COLLIER, D. (2010). *Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standards*. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- CAMPOS, C.R. (2009). "Delegação e integração regional: aspectos teóricos do paradigma principal-agente aplicado ao sistema europeu". *Contexto Internacional (PUCRJ. Impresso)*, v. 31: 85-114.
- CERVO, A. (2003). "Política exterior e relações internacionais do Brasil: enfoque paradigmático". *Rev. bras. polít. int.*, vol.46, no.2: 5-25.
- _____. (2008) "Conceitos em Relações Internacionais". *Rev. bras. polít. int.*, vol.51, no.2: 8-25.
- COLLIER, D. (1993). "The Comparative Method". In: Ada W. Finifter. *Political Science: The State of the Discipline II*. Washington, D.C: American Political Science.
- COLLIER, D.; ELMAN, C. (2008). "Qualitative and Multimethod Research: Organizations, Publication, and Reflections on Integration". In: BOX-STEFFENSMEIER, J.; BRADY, H.; COLLIER, D. *The Oxford Handbook of Political Methodology*. Oxford: Oxford University Press.
- COLLIER, D; BRADY, H.; SEAWRIGHT, J. (2010). "The Quest for Standards: King, Keohane, and Verba's Designing Social Inquiry". In: BRADY, H.; COLLIER, D. *Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standards*. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- DELLA PORTA, D.; KEATING, M. (eds) (2008), *Approaches and Methodologies in the Social Sciences. A Pluralist Perspective*, Cambridge: Cambridge University Press.
- FREEDMAN, D. (2010). "On Types of Scientific Inquiry: The Role of Qualitative Reasoning". In: BRADY, H.; COLLIER, D. *Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standards*. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- GEDDES, B. (1990) 'How the Cases You Choose Affect the Answers You Get: Selection Bias in Comparative Politics', *Political Analysis*, vol.2:131-150.
- GEORGE, A. L.; BENNETT, A. (2005). *Case Studies and Theory Development in the Social Sciences*. Cambridge, MA: MIT Press.
- GREEN, D.; SHAPIRO, I. (2005). "Revisiting the Pathologies of Rational Choice". In: SHAPIRO, I. *The Flight from Reality in the Human Sciences*. Princeton University Press.

- HERRMANN, R.K. (2002). "Linking Theory to Evidence in International Relations". In: Carlsnaes, M.; Risse, T; Simmons, B.A. Handbook of International Relations. London: Sage Publications.
- HERZ, M (1997). "Teoria das Relações Internacionais no Pós-Guerra Fria". Dados, vol.40, no.2.
- HOFFMANN, A. R. et al (2008). "Indicadores e Análise Multidimensional do Processo de Integração do Cone Sul". Rev. bras. polít. int., vol.51, no.2:98-116.
- HOPF, T. (2007). "The Limits of Interpreting Evidence". In: Lebow, R; Lichbach, M.I. Theory and Evidence in Comparative Politics and International Relations. New York: Palgrave Macmillan.
- KEOHANE, R. & NYE, J. (1977). Power and Interdependence: world politics in transition. Boston: little brown.
- KING, G.; KEOHANE, R.; VERBA, S. (1994). Design Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research. Princeton University Press.
- KING, G.; KEOHANE, R.; VERBA, S. (2010). "The Importance of Research Design". In: BRADY, H.; COLLIER, D. Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standards. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- LANDMAN, Todd (2008). Issues and Methods in Comparative Politics: an introduction. New York: Routledge.
- LEBOW, R. (2007). "What Can We Know? And How Can We Know?" . In: Lebow, R; Lichbach, M.I. Theory and Evidence in Comparative Politics and International Relations. New York: Palgrave Macmillan.
- _____. (2014). Constructing Cause in International Relations. Cambridge Press University.
- LESSA, A. C. (2005). "Instituições, atores e dinâmicas do ensino e da pesquisa em Relações Internacionais no Brasil: o diálogo entre a história, a ciência política e os novos paradigmas de interpretação (dos anos 90 aos nossos dias)". Rev. bras. polít. int., vol.48, no.2:169-184.
- LIEBERMAN, E. (2005). "Nested Analysis as a Mixed Method Strategy for Comparative Research". American Political Science Review, vol.99, nº3: 435-52.
- LIJPHART, A. (1971). "Comparative Politics and Comparative Method". American Political Science Review, vol.65, nº3: 682-93.
- _____. (1975). "The comparable-cases strategy in comparative research". Comparative political studies, vol.8, nº2:158-177.
- MAHONEY, J. (2010). "After KKV: The New Methodology of Qualitative Research". World Politics, vol. 62, nº1:120-47
- MARSH, D.; FURLONG P. (2002). "A Skin not a Sweater: Ontology and Epistemology in Political Science", in: D. Marsh and G. Stoker (eds.), Theory and Methods in Political Science, Basingstoke: Palgrave.

- MEARSHEIMER, J. (2001). *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: Norton
- MEARSHEIMER, J.; WALT, S.M. (2013). "Leaving Theory Behind: Why Simplistic Hypothesis Testing is Bad for International Relations", *European Journal of International Relations*, vol.19, nº3: 427-457.
- MIYAMOTO, S.(1999) "O estudo das Relações Internacionais no Brasil: o estado da arte". *Rev. Sociol. Polit.*, nº.12:83-98.
- MIYAMOTO, S.(2003) "O ensino das relações internacionais no Brasil: problemas e perspectivas". *Rev. Sociol. Polit.*, nº.20:103-114.
- NOGUEIRA, J. & MESSARI, N. (2005). *Teoria das Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- NYE, J. (2002). *O Paradoxo Do Poder Americano: Por Que a Única Potência Do Mundo Não Pode Seguir Isolada*. São Paulo: UNESP.
- OLIVEIRA, A., ONUKI, J., & OLIVEIRA, E. (2006). "Coalizões Sul-Sul e multilateralismo: Índia, Brasil e África do Sul". *Contexto Internacional*, vol.28, nº2: 465-504.
- PRZEWORSKI, A. (2007). "Is the Science of Comparative Politics Possible? In: BOIX, C.; STOKES, S. *The Oxford Handbook of Comparative Politics*. New York: Cambridge University Press.
- RAGIN, C. (1987) *The comparative method: moving beyond qualitative and quantitative strategies*. Berkeley (CA): University of California Press.
- SANTOS, N.; FONSECA, F. (2009). "A pós-graduação em relações internacionais no Brasil". *Contexto int.*, vol.31, nº.2:353-380.
- SARTORI, G. (1991). "Comparing and miscomparing". *Journal of theoretical politics* 3(3):243-257
- SEAWRIGHT, J. (2010). "Regression-Based Inference: a Case Study in Failed Causal Assessment". In: In: BRADY, H.; COLLIER, D. *Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standars*. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- SOARES, G. (2005). "O Calcanhar Metodológico da Ciência Política no Brasil". *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 48: 27-52.
- SPRINZ, D.F.; WOLINSKY-NAHMIA, Y. (2004). "Introduction: Methodology in International Relations". In: Sprinz, D.F.; Wolinsky-Nahmias, Y. *Models, Numbers, and Cases: Methods for Studying International Relations*. The University of Michigan Press.
- STEINER, A.(2011)."O uso de estudos de caso em pesquisas sobre política ambiental: vantagens e limitações". *Rev. Sociol. Polit.*, vol.19, no.38:141-158.
- TARROW, S. (2010). "Bridging The Quantitative Divide". In: BRADY, H.; COLLIER, D. *Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standars*. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- TOSTES, A. (2009). "Razões da Intolerância na Europa Integrada". *Dados*, vol. 52, nº2: 335-76.

Cinthia Regina Campos

WALTZ, K. N. (1979). *Theory of International Relations*. MA: Addison-Wesley.

WIGHT, C. (2002). "Philosophy of Social Science and International Relations". In: Carl-snaes, M.; Risse, T; Simmons, B.A. *Handbook of International Relations*. London: Sage Publications.



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

CFCH

CENTRO DE FILOSOFIA E
CIÊNCIAS HUMANAS

Departamento de
Ciência Política

Programa de Pós-Graduação
em Ciência Política



CAPES